

*DOCUMENTO FINAL DA
ESCUA SINODAL
DIOCESE DE IGUATU*



*Por uma Igreja sinodal
comunhão | participação | missão*

DOCUMENTO FINAL DA ESCUTA SINODAL - Diocese de Iguatu



INTRODUÇÃO

“Decidimos, o Espírito Santo e nós”, porque caminhar junto é sinônimo de Igreja, de comunidade.

(At 15,28 e documento preparatório n. 11)

A porção do Povo de Deus, na Diocese de Iguatu, recebeu com alegria a convocação para participar do Sínodo dos Bispos. Na reunião do clero, em 24 de agosto de 2021, foi exposto o itinerário, o documento preparatório e o vade-mécum para o Sínodo. Em seguida, recolheram-se propostas e sugestões da escuta sinodal por parte dos fiéis leigos e ordenados. Assim, numa reunião posterior, aberta a todas as pessoas dispostas a contribuir, aos 25 de setembro, efetivaram-se os seguintes grupos de trabalho para o Sínodo: coordenação, liturgia, comunicação e sistematização. A partir de então, os grupos de trabalho se debruçaram sobre o planejamento das escutas sinodais nos sete zonais da Diocese e outros grupos, bem como da Celebração Eucarística de abertura, que aconteceu no dia 17 de outubro do mesmo ano.

Embora as restrições sanitárias da pandemia do Coronavírus (COVID-19), a Eucaristia de abertura teve a presença de representantes de toda a Diocese: CEBs, movimentos, associações laicais e comunidades novas. Escolheu-se o roteiro previsto, no Missal Romano, para Sínodos. A celebração iluminou e refletiu o entusiasmo da assembleia sinodal, ali aberta com a presidência do Administrador Diocesano, presbitério, fiéis leigos e leigas com religiosos e religiosas. No sábado seguinte, aos 23 de outubro, realizou-se uma formação, em âmbito diocesano, apresentando e articulando as escutas.

Foram confeccionados banners, círios e o livro de oração que acompanhou e orientou as celebrações nas assembleias das escutas sinodais. Houve uma intensa agenda de visitas a todo o território diocesano, que consta de dezenove municípios. Infelizmente, houve atraso nos trabalhos, devido a pandemia e conflitos de agendas com alguns zonais.

As Igrejas cristãs da região foram convidadas para uma escuta particular. Estiveram presentes a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), a Comunhão Anglicana e os Anglocatólicos. Foi uma partilha singular de respeito e confiança. Expuseram velhas feridas e dores, bem como o compromisso de estar juntos para professar a fé no Senhor Jesus Cristo.

As assembleias foram um constante Pentecostes, em que os participantes respiraram o ar do Espírito com abertura, respeito e escuta. Mesmo com divergências, palavras duras e afáveis também, muitos testemunharam a alegria de participarem desta escuta universal. Um clima renovador invadiu o coração das pessoas na construção deste projeto eclesial.

As escutas seguiram a dinâmica de grupos de mulheres, homens, jovens, religiosas, religiosos e presbíteros. Sua ressonância, no final de cada relatório, ocorreu com abertura, liberdade e confiança. A equipe sinodal recolheu com respeito as contribuições de cada participante para registro, digitação e sistematização posterior.

Participaram da escuta sinodal: 291 mulheres; 145 jovens; 123 homens; 01 religioso; 11 religiosas e 38 presbíteros. Totalizando, assim, 609 pessoas, incluindo os participantes de uma escuta da educação através do Google Forms.

A equipe de sistematização digitou o resultado das escutas, sintetizando-o em tópicos a partir das dez questões propostas para elaborar este relatório final, que consta desta Introdução,



da Corpo da Síntese, da Conclusão e Anexos. Foi um trabalho árduo e fiel às ideias expostas. Este oferece à Igreja Diocesana uma base (VER) para ela se olhar, reconhecer-se nessas vozes, planejar sua pastoral e missão como resposta aos apelos e efetivação das sugestões.

CORPO DA SÍNTESE

1. CAMINHAR JUNTOS

A Igreja é autorreferencial. Há um fechamento dela em si mesma, além de uma forte divisão interna entre pastorais e movimentos, pautada num enfrentamento entre o fundamentalismo dogmático e a Doutrina Social da Igreja. A Igreja parece caminhar somente consigo mesma. Há um distanciamento entre a Igreja e a sociedade. Fica evidente a exclusão de grupos como os pobres das periferias, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, presidiários, dependentes químicos, indígenas, negros, juventudes, mulheres, casais de segunda união e os que não participam das pastorais. Os jovens dizem que não se sentem acolhidos e não encontram espaços na Igreja e propõem a criação de canais de diálogo. A Igreja já esteve mais presente no mundo da educação, hoje na com presença pontual como a CF, meses temáticos e eventos religiosos. Embora se admita sua relevância na construção de valores, não consegue acompanhar a evolução das ciências e da antropologia como a diversidade sexual e reconfiguração das famílias. Em relação às mulheres, há o reconhecimento de que elas são a maioria e assumem os trabalhos na Igreja, mas não ocupam os principais espaços de decisão.

SUGESTÕES:

- Ser Igreja em saída superando o individualismo;
- Pastoral sensível aos apelos de hoje;
- Escutar e respeitar os carismas;
- Crescer no diálogo, testemunho e oração em comum;
- Superar o radicalismo e fundamentalismo;
- Superar a fixação de lideranças;
- Valorizar o trabalho em conjunto;
- Fortalecer os círculos bíblicos;
- Intensificar a Escuta com as pessoas e o diálogo com as instituições de ensino;
- Organizar a pastoral universitária, com o protagonismo juvenil;
- Maior proximidade dos pastores com os jovens;
- Parceria com os setores da sociedade e com as pastorais sociais na construção de uma sociedade justa e fraterna.

2. ESCUTAR

A Igreja precisa ser seguidora de Jesus, em saída, aberta ao povo, de diálogo contínuo e promotora de uma cultura do encontro.

Há uma escuta tímida da Igreja mediada por pastorais, CEBs, alguns serviços e atuações sociais. Reconhece-se a falta de escuta das periferias, das minorias, das juventudes, das mulheres e das realidades da sociedade em geral. Há um machismo disfarçado. A Igreja apesar dos discursos de amor, paz e inclusão ainda tem uma prática racista, misógina e LGBTQIA+ fóbica. Há medo de ouvir e de falar pela possibilidade de ser excluída/o e não ser respeitada/o. As lideranças eclesiais têm dificuldade de ouvir e acolher e não aceitam opiniões diferentes. Os Conselhos Pastorais não são espaços de escuta.

Sugerem-se as seguintes condições para um Espiritualidade da Escuta:

- ❖ Enxergar a periferia e excluídos como lugar privilegiado da revelação de Deus;
- ❖ Humildade e respeito;



- ❖ Empatia e caridade;
- ❖ Abertura e tolerância para o diferente;
- ❖ Dar o direito de falar e escutar com acolhimento;
- ❖ Não impor opiniões.

SUGESTÕES:

- Criar espaços de escuta das mulheres, jovens, idosos, indígenas, LGBTQIA+, quilombolas e excluídos;
- Formar lideranças para ouvir as novas realidades sociais;
- Dar espaço para que os leigos possam falar e construir conhecimentos juntos;
- Que a Igreja faça a opção preferencial pela periferia;
- Criar canais de escuta nos planejamentos comunitários, paroquiais e diocesanos.

3. FALAR

A Igreja precisa apresentar o Projeto de Jesus com simplicidade e boa comunicação para que este chegue ao coração do povo.

O clericalismo estrutural monopoliza o direito de fala. É gritante o medo dos leigos falarem por se sentirem ameaçados, perseguidos, julgados e excluídos. Há aqueles que são privilegiados na fala porque detém maior conhecimento e privilégio social. Isso provoca timidez e insegurança nos demais. Quem fala são sempre os mesmos. Só se fala por conveniência. A fala e o espaço dos jovens não são acolhidos. Não se fala da necessidade dos excluídos. “Queremos falar, mas quem fala contra as injustiças é excluído”. Há omissão e timidez em denunciar injustiças, principalmente nas administrações públicas (prefeituras). São as pastorais sociais e CEBs, que muitas vezes garantem a voz da Igreja nos setores sociais. Percebe-se a falta de pessoas comprometidas com a catequese e que estudem os documentos oficiais da Igreja. A Pastoral da Comunicação não deve ser apenas para transmitir missas. É preciso cautela com os meios de comunicação social, porque estes facilitam a exposição de opiniões e chega às pessoas, mas dificultam devido às fake news e preconceitos.

SUGESTÕES:

- As decisões devem ser tomadas em assembleias e conselhos. O clero deve favorecer a fala de todos;
- Maior abertura na escuta de leigos e leigas para superar “tabus”;
- Criar espaços e momentos de diálogo;
- Usar com mais critérios os meios digitais;
- Formar lideranças para a evangelização;
- Maior empenho das estruturas eclesiais em períodos eleitorais para propor projetos de políticas públicas, porém sem ser cabo eleitoral;
- A Pastoral da Comunicação deve dedicar-se a acompanhar a vida das comunidades.

4. CELEBRAÇÃO

A Igreja precisa ser Cristocêntrica, que celebre a vida de Jesus na vida do povo. Há uma espiritualidade bonita, aberta à cultura local. Evoluiu a comunhão e a participação. No entanto, a assembleia não tem plena participação. Só o grupo celebrante participa. As equipes de Liturgia são fechadas. Há uma celebração mecânica, repetitiva e monótona que não se relaciona com a vida. As celebrações e homilias são mal preparadas e não ajudam o povo a rezar. Há pouca formação para a espiritualidade e para a Liturgia. Falta conhecimento da Palavra de Deus. Há restrição do serviço da mulher no altar. O espaço litúrgico é organizado com base no modismo. O ritual é vazio.



SUGESTÕES:

- Fortalecer uma celebração que une fé e vida. Rezar com a realidade, oração/ação;
- Respeitar as tradições religiosas do povo;
- As celebrações precisam inspirar a vida e a missão;
- Que seja acolhedora e participativa;
- Preparar e planejar melhor as liturgias;
- Realizar celebrações nos bairros e comunidades;
- Implantação de uma pastoral litúrgica inclusiva; os momentos celebrativos devem envolver os diversos segmentos;
- Formação para uma liturgia inculturada.

5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA MISSÃO COMUM

A Igreja precisa ser guiada pelo Espírito de Jesus, fiel ao batismo, discípula missionária e inserida nas realidades sociais. O cuidado com a vida, com os mais pobres e humilhados está negligenciado. Falta integração fé e vida. Negligência do Pilar da Caridade e Missão. A Igreja não tem formado pessoas para atuação inserida nas realidades sociais. Falta continuidade nos processos de evangelização. Falta consciência do bem comum. Há comodismo em assumir a missão. Existe uma visão fechada sobre a missão, voltada ao próprio grupo. Há fechamento para os novos que chegam. Há centralização na figura do padre. O autoritarismo impede os batizados de viverem a missão. LGBTQIA+ não participam da vida ativa da Igreja. A missão da Igreja se restringe aos seus documentos.

SUGESTÕES:

- Retomar a formação missionária para os leigos;
- Maior atuação da Igreja na proteção social dos direitos humanos;
- Fortalecer as pastorais sociais;
- Evangelizar em sintonia com as realidades sociais;
- Envolvimento na sociedade e na política;
- Posicionar-se frente aos grupos eclesiais reacionários;
- Formar pessoas para atuar na construção de uma sociedade mais justa;
- Apoiar a inclusão e projetos sociais;
- Ser uma Igreja em saída em busca da juventude;
- Criar espaços de partilha entre pastorais e movimentos;
- Promover estudos bíblicos e investimentos na catequese;
- Evangelizar a família.

6. DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

A Igreja precisa ser sinodal, aberta ao diálogo entre si e com o mundo, tendo-o como eixo fundamental no serviço à sociedade, como instrumento de transformação. As reuniões formativas, as assembleias, encontros das pastorais e movimentos são espaços de construção do diálogo. Contudo, falta, na Igreja, um diálogo aberto entre seus líderes de movimentos, pastorais e entre os padres. Há individualismo e autoritarismo. A divergência de pensamento dificulta o diálogo na Igreja. As abordagens são feitas com muitas resistências, quase sempre estamos fechados aos que pensam e rezam diferente. Existem redes sociais de católicos falando em nome da Igreja, difamando-a e a quem pensa diferente. As Campanhas da Fraternidade geram diálogo com as diversas necessidades sociais. No entanto, ainda é muito tímido o diálogo da Igreja com a sociedade.



SUGESTÕES:

- Prestar atenção ao diálogo com os excluídos e diferentes;
- Fortalecer os conselhos paroquiais e as pessoas que participam dos conselhos municipais;
- Que a Igreja dialogue através do acolhimento, do respeito e da abertura ao novo;
- Focar nossas obras nos mais vulneráveis (Pilares da Caridade e Missão);
- A Igreja precisa dialogar com as diversas esferas da sociedade;
- Fazer cartilha com as parábolas de Jesus e a luta do povo de Deus;
- Criar grupos de jovens com protagonismo na luta por uma sociedade mais justa e fraterna;
- É necessário ter alinhamento à palavra do Papa.

7. ECUMENISMO

A Igreja precisa ser ecumênica, capaz de caminhar junto com as diferentes denominações e realizar ações em colaboração fraterna. A Igreja Católica engatinha na intenção de caminhar junto com outras tradições e confissões cristãs. Mas é a que está mais aberta ao diálogo, ainda que não seja na sua totalidade. Ainda não há um diálogo efetivo entre as Igrejas, porém, há algumas iniciativas durante o período da Campanha da Fraternidade. Falta o diálogo ecumênico devido a intolerância e o preconceito. Falta respeito mútuo e acolhimento. O diálogo precisa ser aberto de ambos os lados. Os católicos não conhecem sua Igreja e seus documentos. O CONIC é uma referência no ecumenismo.

SUGESTÕES:

- Refletir questões sociais com as outras Igrejas;
- Pautar o que nos une para chegar ao bem comum;
- Ecumenismo nas ações a favor da vida;
- Respeito às diferenças;
- Aprender a respeitar as Tradições e Liturgias;
- Entender que não estamos disputando mercados, mas contribuindo com a missão;
- Ouvir as experiências de ecumenismo de outras Igrejas;
- Criar um instrumento institucional na diocese para relações ecumênicas;
- Promover encontros ecumênicos para uma escuta sadia;
- O passo seria todas as Igrejas falarem, formarem e incentivarem seus fiéis à prática do ecumenismo.

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

A Igreja precisa ser espaço onde a autoridade é exercida com a participação de todas as pessoas, organizada a partir dos Conselhos que são ouvidos e respeitados e se reúnem para planejar, executar e avaliar as ações, ou seja, Igreja Povo de Deus. A autoridade na Igreja é grande, rígida, engessada, pouco transparente nas suas relações, transparente na sua administração financeira e extremamente tradicional, é um espaço de privilégio e conforto para alguns padres. Exemplo disso é a exclusão das mulheres nas estruturas de poder e decisão e não acesso às ordens. Há um autoritarismo dos padres fortalecido pelos leigos. A palavra dos padres é a única ouvida. Espera-se muito pelos padres. Há autorreferencialidade na autoridade exercida em alguns espaços na Igreja. Existem grupos privilegiados de acordo com a espiritualidade e conduta do padre. Há um clericalismo de modelo piramidal, muitos se consideram proprietários da Igreja. Alguns padres e diáconos são mais acessíveis que os bispos. Os Conselhos são instâncias de participação e decisão, exemplo de sinodalidade. Todavia, não são deliberativos. Os padres são quem escolhem o conselho econômico.



SUGESTÕES:

- Criar os conselhos e que estes sejam eleitos e deliberativos;
- Efetivar a participação e descentralizar a autoridade;
- Que os leigos sejam ativos nos conselhos;
- A Igreja precisa abrir-se ao novo;
- Organizar e coordenar o trabalho em equipes;
- Orientar-se pelos documentos da Igreja;
- Buscar espaços de participação de todos, não centralizando decisões;
- Buscar a sinodalidade;
- Formar lideranças;
- Maior flexibilidade, empoderamento e liberdade de expressão para todos.

9. DISCERNIMENTO E DECISÃO

A Igreja precisa ser comunitária e não hierárquica, que escute os conselhos pastorais nas tomadas de decisões. Há experiências de conselhos que ajudam no discernimento e tomada conjunta de decisões, além de prática da escuta atenta dos membros representantes das comunidades. Os métodos de decisão não ajudam a escutar todo o povo. O método mais utilizado é a forma unilateral (lideranças e padres). Nem sempre resulta em decisões compartilhadas. Não há transparência na tomada de decisões. Há ausência da juventude e leigos nas assembleias paroquiais e diocesanas. Às vezes prevalece a vontade da liderança e não a opinião dos demais. As decisões tomadas em assembleias não são assumidas pelo clero. Há decisões tomadas sem consultas às bases.

SUGESTÕES:

- Que os conselhos não sejam meros figurantes. Haja voz e vez para todas as pessoas;
- Publicar as prestações de conta, decisões de assembleias e conselhos paroquiais;
- Promover formações que capacitem para o discernimento e tomadas de decisões pastorais;
- Assumir as decisões coletivas, sem autoritarismo;
- Criar espaços para que o povo possa opinar, sugerir e realizar, evitando levar tudo pronto só para apresentar.

10. FORMAR-NOS NA SINODALIDADE

A Igreja deve ser mais receptiva às propostas de transformação na sua estrutura organizacional, voltando seu olhar para as experiências das comunidades primitivas. A sinodalidade acontece através das assembleias paroquiais e no diálogo entre nós católicos, povo de Deus. Há experiências de ouvir e acolher as decisões. Há dificuldade em assumir um novo jeito de ser Igreja. Falta perseverança para continuar os serviços.

SUGESTÕES:

- Assumir a sinodalidade;
- Contornar nossos problemas juntos;
- Caminhar lado a lado Igreja e sociedade de forma crítica e profética;
- Voltar ao trabalho de base;
- Formar os agentes com os documentos da Igreja;
- Ser uma Igreja mais receptiva às propostas de transformação na sua estrutura organizacional;
- Acolher as diversas expressões juvenis, abrindo espaço ao diálogo;
- Ampliar a escuta e avaliação nas comunidades e regiões;



- Trabalhar estratégias de acompanhamento à juventude, depois da Catequese e da Crisma, para sua continuidade nas comunidades;
- Escutar a realidade para tomar decisões;

As decisões não devem ser impostas, mas brotar das bases.

CONCLUSÃO

Após a sistematização dos 10 pontos propostos pela Escuta Sinodal o Projeto de Igreja que se apresenta é: uma Igreja Cristocêntrica, seguidora de Jesus, guiada pelo Espírito, Povo de Deus, em saída, fiel ao batismo, discípula missionária que celebra a vida de Jesus na vida do povo, sensível ao sofrimento humano, que respeite as diferenças e diversidades, inclusiva de pobres, mulheres, jovens e LGBTQIAP+, inserida nas realidades sociais e defensora da vida.

Apresentam-se como potencialidades a serem fortalecidas na construção desta Igreja: as Assembleias Diocesanas, que já foram exemplo de participação, reflexão e decisões em conjunto na construção de um projeto eclesial a serviço da vida; conselhos de pastoral, pastorais sociais, CEB's, PJMP, Cáritas Diocesana, Catequese, CEBI, movimentos e associações laicais.

Destacam-se como desafios a serem superados na construção deste Projeto Eclesial, no sentido de que a Igreja seja sinal do Reino de Deus no mundo: autorreferencialidade da Igreja, distanciamento da Igreja e sociedade, exclusão dos pobres e grupos marginalizados (LGBTQIA+, pessoas com deficiência, presidiários, dependentes químicos, indígenas, idosos, negros, juventudes, mulheres, os casais de segunda união e os que não participam das pastorais), autoritarismo dos padres e lideranças (clericalismo), celebração vazia e mecânica porque falta união da fé com a vida, mulheres são maioria mas não tem poder de decisão, estruturas que impedem a participação ativa de leigos e leigas na construção da caminhada pastoral, falta o diálogo ecumênico devido a intolerância e o preconceito, bem como respeito mútuo e acolhimento entre as tradições cristãs.

Embora o Papa Francisco tenha nos apresentado com a Carta “Laudato Si”, em 2015, sobre o cuidado da casa comum, percebeu-se um vazio na Escuta Sinodal no que se refere ao meio ambiente, povos originários e à defesa de todas as formas de vida.

Levando em consideração os desafios apresentados para a construção de uma Igreja Sinodal, propõe-se:

- Adequar o Código de Direito Canônico à mentalidade da eclesiologia sinodal;
- Fazer a opção pela Sinodalidade (assumir as decisões refletidas em conjunto);
- Construção de uma metodologia de Ação Pastoral na qual se realizam processos com objetivo, começo, meio e fim. Nesse processo se leve em conta o planejamento, monitoramento, avaliação periódica e acompanhamento dos resultados.

Por fim, este caminho sinodal, nos indicou e leva a assumir a missão de Jesus expressa em Lucas 4, 16-19:

“Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.”



Diocese de Iguatu, Ceará, 14 de Julho de 2022.

EQUIPE:

Maria Eulapaula Martins
Mara Crislanne de Oliveira
Maria Cândido de Oliveira Lima
Antonio Felix de Sousa
Ismael Oliveira do Nascimento
Vinícius Alves Cardoso
Marlos Moreira Gomes
Maria Necilda Firmino dos Santos, ciic
Irismar de Sousa Damasceno, ciic
Benedita Muniz, cmstmj
Hinara de Araújo Santana, cmstmj
Francisco Leiva Neves Carvalho, presbítero diocesano
João Emanuel de Sousa Santos, presbítero diocesano
João Batista Moreira Gonçalves, Administrador Diocesano